Coleção
Atualidades
Pedagógicas

Coleção Memória Editorial 12

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor Vahan Agopyan
Vice-reitor Antonio Carlos Hernandes

EDITORA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Diretor-presidente Lucas Antonio Moscato

COMISSÃO EDITORIAL

Presidente Rubens Ricupero
Vice-presidente Valeria De Marco
Carlos Alberto Ferreira Martins
Clodoaldo Grotta Ragazzo
Maria Angela Faggin Pereira Leite
Ricardo Pinto da Rocha
Tânia Tomé Martins de Castro
Suplentes José Roberto Castilho Piqueira
Marta Maria Geraldes Teixeira
Sandra Reimão

Editora-assistente Carla Fernanda Fontana
Chefe Div. Editorial Cristiane Silvestrin

Maria Rita de Almeida Toledo

Coleção Atualidades Pedagógicas

Do projeto político ao projeto editorial (1931-1981)

edusp

Copyright © 2020 by Maria Rita de Almeida Toledo

Ficha Catalográfica elaborada pelo
Departamento Técnico do Sistema Integrado de Bibliotecas da USP

Toledo, Maria Rita de Almeida

Coleção Atualidades Pedagógicas: Do Projeto Político ao Projeto Editorial (1931-1981) / Maria Rita de Almeida Toledo – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2020.

424 p.: il.; 21 × 22cm. – (Memória Editorial, 12).

Inclui bibliografia e apêndices.

ISBN 978-85-314-1605-7

1. História da editoração – Brasil. 2. Política editorial. 3. Projeto editorial. 4. Coleções. I. Título. II. Título: Do Projeto Político ao Projeto Editorial (1931-1981). III. Série.

CDD-070.5

Direitos reservados à

Edusp – Editora da Universidade de São Paulo
Rua da Praça do Relógio, 109-A, Cidade Universitária
05508-050 – São Paulo – SP – Brasil
Divisão Comercial: tel. (11) 3091-4008/3091-4150
www.edusp.com.br – e-mail: edusp@usp.br

Printed in Brazil 2020

Foi feito o depósito legal

Acaso não é pó, o que na parede alta,
Em cem velhos armários me sufoca e anula?
Essa feira de troços, em que nada falta,
E a esse mundo de traças tanto me vincula?
Devo aqui procurar o que deseja a alma?
E nos livros buscar, sempre a ler, contrafeito,
A dor, que, eterna, aos homens sempre tira a calma,
Exceção, de um ou outro, a viver satisfeito?

Johann Wolfgang von Goethe

Para Marília e Nilton

SUMÁRIO

PREFÁCIO – *Marta Maria Chagas de Carvalho* 13
APRESENTAÇÃO: ESTUDANDO COLEÇÕES 19

PARTE I: O NASCIMENTO DE UMA COLEÇÃO 37

1. O NASCIMENTO DE UMA COLEÇÃO 39
   A Estratégia das Coleções no Mercado Editorial dos Anos de 1920 39
   A Atuação da Monteiro Lobato e Cia. 55
   O Mercado de Livros de Educação nos Anos de 1920 65
   Editar Coleções: A Política da Companhia Editora Nacional 77
   Biblioteca Pedagógica Brasileira 91

2. O REPERTÓRIO EDITORIAL DA ATUALIDADES PEDAGÓGICAS E SUA IDENTIDADE VISUAL 103
   Alguns Indicadores da Periodização da Coleção 103
   A Origem dos Textos no Período Azevedo 108
   Os Campos do Conhecimento nos Textos Escolhidos por Azevedo 111
   O Ritmo de Produção dos Novos Títulos no Período Azevedo 127
   A Apresentação Material da Coleção no Período Azevedo 135
   A Origem dos Textos sob a Direção de Damasco Penna 143
   Os Campos do Conhecimento no Período Damasco Penna 146
   O Ritmo da Produção no Período Damasco Penna 152
   A Apresentação Material da Coleção no Período Damasco Penna 160

3. A PRODUÇÃO DE UMA COLEÇÃO: O SEU APARELHO CRÍTICO 165
O Aparelho Crítico da Atualidades Pedagógicas..... 165

PARTE II: DO PROJETO POLÍTICO AO PROJETO EDITORIAL..... 189

4. O LIVRO COMO INSTRUMENTO DE FORMAÇÃO E INTERVENÇÃO NA CULTURA: A COLEÇÃO DE FERNANDO DE AZEVEDO 191
A Conjuntura do Mercado Editorial e a Atualidades Pedagógicas 191
A Atualidades Pedagógicas na Conjuntura da Política Educacional dos Anos de 1930 e de 1940 194
A Rede de Autores Organizada por Fernando de Azevedo..... 233
As Representações de Leitura Formadora de Azevedo..... 244

5. O CONSENSO PEDAGÓGICO COMPENDIADO: A COLEÇÃO PROPOSTA POR DAMASCO PENNA..... 265
A Conjuntura do Período Damasco Penna..... 265
A Rede de Autores Montada por Damasco Penna 292
O Projeto Editorial de Damasco Penna 298
O Consenso Compendiado na Atualidades Pedagógicas 306

CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 313
BIBLIOGRAFIA 323
APÊNDICES 333
CADERNO DE IMAGENS..... 397

PREFÁCIO

Marta Maria Chagas de Carvalho

Ler o livro de Maria Rita de Almeida Toledo é, passados mais de quinze anos da conclusão da tese de doutorado que o originou, transitar por uma região de fronteira entre dois campos de investigação que, ainda hoje, são de escassa intercomunicação. O especialista em história do livro e da leitura nele reconhecerá procedimentos hoje já clássicos de investigação que, incorporando proposições historiográficas de Roger Chartier, põem em cena a materialidade dos dispositivos textuais e editoriais de modelização da leitura que configuram o impresso como objeto cultural materialmente estruturado. Porém, certamente achará curiosa a incorporação que fez a autora de questões que, estranhas a essa modalidade de investigação, sinalizam a presença de um questionário formulado com base em temas e problemas de diversa extração, cujo objetivo foi compreender a coleção Atualidades Pedagógicas como produto de estratégia editorial inscrita no processo histórico mais amplo de organização e institucionalização do campo educacional no Brasil. Faz-se assim pertinente falar nesse contexto de algumas das questões e hipóteses de trabalho que deram origem à pesquisa de Maria Rita, as quais deixaram suas marcas no livro agora editado.

Baseado em tese de doutorado de 2001, defendida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, o livro começou com um questionário de investigação construído no âmbito de projeto de pesquisa[1] sobre as estratégias de difusão

1. Trata-se do projeto Escola Nova, Saberes Pedagógicos e Práticas Escolares: As Estratégias do Impresso, desenvolvido por mim, entre 1991 e 1997, com bolsa de pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Ele teve continuidade com o projeto A Constituição do Campo Pedagógico: Impressos,

impressa da chamada pedagogia da Escola Nova no Brasil nas décadas de 1920 e 1930. Situando-se no domínio de uma história material da circulação do impresso e de suas apropriações, esse projeto pretendia analisar a disseminação, nessas décadas, do chamado "escolanovismo" no país, recusando-se a autonomizar as proposições "escolanovistas" das práticas em que se inscreveu e dos materiais impressos que as fizeram circular. Pretendia, assim, examinar o modo pelo qual o impresso funcionara como dispositivo de configuração do campo da pedagogia e de conformação das práticas escolares. E elegera, para exame, entre outros materiais publicados no período, duas coleções de livros: a Biblioteca de Educação, organizada por Manoel Bergström Lourenço Filho para a Companhia Melhoramentos de São Paulo, e a Atualidades Pedagógicas, publicada na Companhia Editora Nacional, sob a responsabilidade editorial de Fernando de Azevedo.

Dessa perspectiva e com essas hipóteses de trabalho, tal projeto de investigação sobre a história do livro e da leitura foi radicado no cerne do campo de interesses da história da educação, produzindo um modo relativamente inusitado de abordagem do impresso. Foi com essa perspectiva e com o intuito específico de compreender a coleção Atualidades Pedagógicas como peça de um programa de reforma da sociedade pela reforma da escola, que ganha corpo no movimento de renovação educacional, nas décadas de 1920 e 1930, que a pesquisa de Maria Rita foi originariamente concebida. Tratava-se de investigar o lugar conferido a essa coleção de livros nas iniciativas tomadas no âmbito desse programa. Para isso, Maria Rita interessou-se pela determinação dos lugares de poder nos quais e a partir dos quais a coleção foi produzida com a finalidade de remodelar a escola brasileira, com base em preceitos tomados à pedagogia da Escola Nova, que então se difundia internacionalmente. Ao fazer isso, pretendia identificar e descrever as estratégias editoriais que deram origem e conformaram a coleção.

Coleção Atualidades Pedagógicas

Autores, Editores, desenvolvido sob minha coordenação, entre 2000 e 2005, também com apoio do CNPq e que contou com a participação da autora.

A escolha implicava recortar a coleção Atualidades Pedagógicas, tomando como critério o período em que ela foi editada por Fernando de Azevedo, intelectual que se notabilizara como reformador do aparelho escolar do Rio de Janeiro, então Distrito Federal, e que, valendo-se da posição de líder do movimento de renovação educacional, articulara suas estratégias de reforma escolar a iniciativas editoriais de reconfiguração do campo normativo da pedagogia. Com esse recorte, a pesquisa de Maria Rita delimitava o seu objeto de modo a compreender a coleção como estratégia que visava adequar a mercadoria livro a um objetivo cultural específico, no caso, a incitação de uma larga mudança de mentalidade do professorado, com vistas à promoção de uma ampla reforma da escola e, por via desta, da sociedade. Tratava-se de compreender a coleção como estratégia editorial articulada a um programa de renovação cultural e social por meio do livro.

A análise das estratégias editoriais e dos usos do impresso na disseminação do escolanovismo adotou a perspectiva arqueológica proposta por Chartier[2], que implicava tomar o impresso em sua materialidade de objeto cultural, interessando-se pelas práticas que o produzem e pelos usos que dele são feitos. Tratava-se, assim, de analisar o impresso da perspectiva de sua produção e distribuição como produto de estratégias (no caso, editoriais) entendidas, como propõe Michel de Certeau, como práticas cuja inteligibilidade deve ser referida a um lugar de poder. O recurso ao conceito certeauniano de estratégia[3] colocava em evidência dispositivos de imposição de saberes e normatização de práticas, referidos a lugares de poder determinados: no caso, o lugar constituído pela intersecção de interesses que aliou, nos anos de 1920 e de 1930, iniciativas de casas de edição a outras, estatais, de reforma da escola brasileira.

Foi com esses objetivos e com essas perspectivas de análise que Maria Rita, com a pesquisa já bastante adiantada, viajou para Paris, onde, na École des Hautes Études en Sciences Sociales e sob a supervisão de Jean Hébrard, deu continuida-

2. Roger Chartier, *apud* Mireille Gauzère, "La Nebuleuse", 1987.
3. Na medida em que o conceito remete a práticas cujo exercício pressupõe um lugar de poder articulado a uma história dos impressos destinados ao uso de professores. Cf. Michel de Certeau, *A Invenção do Cotidiano*, 1994.

de a seu trabalho. O desenho inicial da pesquisa, entretanto, não permaneceria incólume a essa estada. Maria Rita foi convencida por Hébrard de que, se pretendesse recortar o período azevediano no estudo da coleção, seria necessário estabelecer previamente a pertinência desse recorte com base em critérios de análise que levassem exclusivamente em conta a materialidade da coleção em todo o período em que foi editada, realizando um rigoroso trabalho de levantamento e estudo dos dispositivos editoriais e textuais que materialmente a configuram. Maria Rita empenhou-se nesse trabalho e o resultado lhe permitiu não somente ampliar o seu recorte de análise, abrangendo todo o período em que a coleção foi publicada (1931-1981), mas também recortar o período Azevedo mobilizando, para isso, suas hipóteses iniciais de trabalho. Foi, assim, como produto da conjunção entre o desenho original do trabalho e uma exaustiva e criteriosa análise da materialidade da coleção, que nasceu o livro agora publicado. Foi essa análise que tornou de certo modo possível demonstrar a pertinência de um recorte que identificou e distinguiu duas coleções como produtos de estratégias editoriais distintas, voltadas para objetivos culturais e interesses mercadológicos também distintos. Foi ela, por isso, que permitiu estruturar o trabalho em duas partes, a segunda delas dividida em dois capítulos, dedicados, respectivamente, aos dois períodos – o azevediano e o comandado por João Baptista Damasco Penna. Assim, nessa segunda parte do livro, ao passo que o quarto capítulo trata exclusivamente do primeiro desses períodos, caracterizando a coleção como instrumento de intervenção cultural, o quinto capítulo – "O Consenso Pedagógico Compendiado: A Coleção Proposta por Damasco Penna" – analisa os principais dispositivos editoriais que, em uma nova conjuntura do mercado editorial e subordinados a novos objetivos culturais, reconfiguram a coleção, diferenciando-a daquela que, marcada pelos projetos políticos e pedagógicos de Fernando de Azevedo, havia nascido na década de 1930.

É assim, portanto, que, em um de seus movimentos, o trabalho retoma seu intento original de analisar a coleção recortando o período em que ela foi organizada por Fernando de Azevedo. Se esse foi o propósito específico do quarto capítulo, também o primeiro capítulo põe em foco, em um ângulo distinto, as

estratégias editoriais que conformaram a coleção em sua origem, como dispositivos de implementação do programa de reforma da sociedade pela reforma da escola, em curso no país nos anos de 1920 e de 1930, relacionando-as ao processo histórico mais amplo de expansão do mercado editorial e de institucionalização do campo educacional. Neles é investigado o espaço editorial da coleção como espaço político de projeção e de articulação de um grupo de intelectuais nessas décadas. Enquanto o quarto capítulo analisa o período Azevedo e o intuito de fazer do livro um instrumento de intervenção cultural, as análises realizadas no primeiro capítulo enveredam por questões que objetivam compreender as razões que levaram a Companhia Editora Nacional, uma editora comercial, a adotar como estratégia editorial a publicação de coleções; mais especificamente, as razões que a levaram a editar uma coleção voltada para a formação profissional de professores. Somadas, as incursões analíticas da autora nos capítulos 1 e 4 caracterizam a coleção Atualidades Pedagógicas como um lugar de poder e de articulação de um grupo de intelectuais em torno de um projeto cultural para o Brasil.

Porém, é no segundo capítulo que efetivamente se amplia o escopo original do trabalho, que assim ganha sua feição definitiva, marcada por interrogações extraídas de um questionário mais afeito ao campo da história do livro e da leitura. Nesse ponto, a autora descreve a coleção, ao analisar o projeto editorial que lhe conferiu identidade, assim como as mudanças que materialmente o reconfiguraram, desde o seu lançamento, em 1931, até as últimas edições de seus volumes, na década de 1980. Essa descrição põe em cena, assim, a coleção em sua materialidade, submetendo-a ao crivo analítico de um leque muito variado de questões. Entre elas: as que examinam o ritmo da produção de novos títulos e de reimpressões; as que põem em evidência a materialidade das capas dos volumes entendidas como dispositivos editoriais que conferem identidade à coleção; as que indagam sobre a origem dos textos selecionados para publicação, no intuito de distinguir e quantificar os textos produzidos por autores brasileiros e as traduções, considerando que essa característica não é somente fruto de uma opção cultural mas também um índice da opção comer-

cial da coleção. Esse questionário, centrado na compreensão da coleção como empreendimento comercial ditado pelas injunções do mercado, não relega, entretanto, a um segundo plano as questões extraídas do campo da pedagogia. A pergunta sobre os dispositivos editorais mobilizados na montagem de uma coleção não abandona a perspectiva de compreendê-la em seu intento de formação de professores e, por isso, indaga acerca dos saberes privilegiados dos editores na escolha dos volumes que a compõem. Esse questionário é ampliado no terceiro capítulo, que, ao tomar emprestado de Isabelle Olivero o conceito de "aparelho crítico" de uma coleção, estuda os dispositivos de auxílio à leitura introduzidos pelo editor nos diversos volumes, com o interesse de responder a uma questão central: como diferentes textos, com características diversas, são transformados em unidades da coleção?

Uma coleção de livros é sempre produto de uma estratégia editorial dotada de características que lhe são únicas. Essas características adquirem, no entanto, contornos variáveis, adequando-se a condições específicas impostas pelo mercado editorial e reajustando-se segundo objetivos historicamente variáveis, de naturezas econômica, cultural e política. Retomando novamente o conceito de estratégia de Michel de Certeau, pode-se propor que a edição de coleções é sempre produto de uma dupla inserção em um lugar de poder: de um lado, a de um interesse econômico de uma casa de edição, marcada por uma lógica que visa à ampliação do mercado editorial; de outro, a de uma política cultural que deposita no livro uma missão, variável segundo os objetivos que lhe são atribuídos por seus promotores, em situações históricas específicas. No primeiro caso, trata-se de ampliar o mercado editorial, qualquer que seja o seu tamanho e sua vitalidade, atingindo novos leitores – leitores virtuais ainda não capturados pelo mercado ou leitores já cativos, conquistando-os para a leitura de gêneros novos. No segundo caso, trata-se de adequar a mercadoria livro a um objetivo cultural determinado, buscando públicos específicos. Dar conta dessa complexa articulação entre interesses comerciais e objetivos culturais é talvez o principal desafio que este livro de Maria Rita de Almeida Toledo enfrenta com originalidade, rigor, ousadia e competência.

LANÇAMENTO 2019

JÁ DISPONÍVEL

LIVRARIA VIRTUAL

www.edusp.com.br/loja

LIVRARIAS

www.edusp.com.br/livrarias

INFORMAÇÕES

Divulgação Edusp

divulga@usp.br

edusp